

# **LEMBRAR, NARRAR E ESCREVER COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA**

**Maria Aldecy Rodrigues de Lima** PPGED/UFRN, UFAC  
**Erika dos Reis Gusmão Andrade** (orientadora) PPGED/UFRN

## **1. OS ATORES QUE SE INSCREVEM NA FORMAÇÃO – contextualizando a experiência**

De norte a sul, de leste a oeste o Brasil viveu nos últimos anos a busca pela formação de professores. Cruzeiro do Sul - AC, situada no extremo oeste brasileiro, cidade com aproximadamente 75 mil habitantes e distante (600 km) da capital – Rio Branco, não ficou de fora. Para atender uma exigência de formação em nível superior expressa no artigo 87, em seu § 4º, da LDB nº. 9.394/96 que reza: “Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formação por treinamento em serviço”, intitui-se uma série de Programas Especiais para Formação de Professores.

Posta esta exigência legal, os Estados e Municípios apressaram-se na busca de firmar parcerias com instituições que pudessem qualificar seus quadros até então com formação em nível médio. No Acre, tínhamos uma situação educacional cujos resultados não eram satisfatórios nem para o governo nem para a população, uma vez que apontava índices baixos com ralação à qualidade do ensino. A parceria foi firmada entre Secretaria de Educação do Estado, as Prefeituras e a Universidade Federal do Acre. No município de Cruzeiro do Sul foram oferecidas as seguintes licenciaturas fruto desse convênio: Matemática; Geografia; História; Educação Física; Biologia e Pedagogia. Aqui, analisaremos apenas a experiência no curso de Pedagogia, pois se trata da Formação de Professores para Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, curso no qual foram trabalhados os conteúdos do PROFA<sup>1</sup> – meu objeto de reflexão no momento e do qual participei como formadora. Fruto desta experiência, trago o exercício de lembrar de nós mesmos, de contar e de escrever sobre o processo formativo, sobre as experiências vividas em processos formativos.

Vivenciamos, na verdade, a introdução de um curso dentro de outro curso, posto que a Secretaria de Educação acatou essa proposta de formação do MEC, estando, no entanto, os professores dos sistemas Estadual e Municipal de ensino já envolvidos com a formação em nível de 3º grau, numa outra modalidade oferecida pela universidade, o que os

impossibilitava, pela carga horária e mesmo pela duplicidade formativa, de frequentá-lo caso fosse oferecido em separado.

Esses professores(as) moram e trabalham em três municípios que fazem parte de um pólo de formação na cidade Cruzeiro do Sul, segunda maior cidade do Estado do Acre. Foram atendidos aproximadamente 450 professores (as) distribuídos em 11 turmas, a maioria mora e trabalha em Cruzeiro do Sul (cidade pólo de formação), outros moram e trabalham em Mâncio Lima, e uma pequena parte mora e trabalha em Rodrigues Alves, cidades próximas. Vale ressaltar que os critérios para formação das turmas nos diferentes turnos deu-se em função dos horários de trabalhos dos professores posto que se trata de formação em serviço. As disciplinas foram ministradas de forma modular sendo uma depois da outra até fechar o módulo. Normalmente com uma semana de intervalo entre uma disciplina e outra, tendo o curso duração de 04 anos cuja colação de grau aconteceu em 27 de setembro de 2006.

O quadro de professores/formadores foi composto via concurso público para as áreas específicas. Os conteúdos do PROFA se desdobraram nas seguintes disciplinas: Investigação e Prática Pedagógica I, II e III. O diferencial nesse quadro de professores está na disponibilidade para atuação, ou seja, a princípio era exigido que os professores/formadores mantivessem grupo de estudo fixo de 20 horas semanais para maior aprofundamento sobre os módulos do Programa. De alguma forma, todo esse pessoal (grupo de formadores) já possui vínculo empregatício no campo educacional, variando suas áreas de atuação desde a educação infantil à universidade. O grupo era bastante heterogêneo com saberes, formação e experiências pedagógicas diferentes. Tal diversidade contribuiu ricamente na constituição dos novos saberes e nas reflexões sobre nossas práticas.

Alguns desafios nos foram postos ao enfrentarmos o concurso para formador deste programa: a necessidade de enfrentar uma nova formação; a própria expectativa da aprovação do concurso, colocando-nos em situação de avaliação; encontrar espaço no tempo já “apertado” para as novas demandas desta atividade; a necessidade de saber sobre as teorias discutidas em âmbito nacional e de pensar nos formandos que iríamos encontrar na universidade. A soma disso tudo, nos subtraiu horas de lazer e do aconchego do lar nos debruçando sobre os conteúdos do curso fazendo-nos levantar questões sobre *como o aluno constrói os processos de aprendizagem da leitura e da escrita e como organizar, com base nesse conhecimento, situações didáticas adequadas às necessidades da turma, tendo em vista que todo o material do programa tem como objetivo capacitar o professor para trabalhar com a prática social da leitura.*

Para o profissional que não tem experiência nas classes de alfabetização e assiste ao vídeo a partir do qual lhe é chamado à atenção para um aluno que está se alfabetizando ou que passa de *uma hipótese de escrita à outra*, o choque é grande, e a dúvida constante. Questões do tipo: será mesmo que é assim que se aprende? Será que aqui, no mais longínquo recanto brasileiro, tão distante de São Paulo, nossos alunos também passam por estas hipóteses? Como será que se dá essa metodologia na prática? Diante destas e de outras tantas interrogações que nos inquietavam, fomos a uma escola da periferia urbana na tentativa de fazer o diagnóstico<sup>2</sup> de alguns alunos que, segundo o diretor, não conseguiam aprender a ler nem escrever. Lembro-me agora de uma das colegas do grupo que não tinha experiência na alfabetização e de sua inquietação quando se deparou com aquela situação. Quando começamos o diagnóstico, os alunos estavam muito tímidos, alguns tiveram dificuldade para escrever qualquer coisa e findaram não escrevendo coisa nenhuma; outros escreveram o suficiente para vermos de forma aligeirada aquilo que queríamos ver – identificar em que patamar de construção de hipóteses de escrita eles estavam.

Foi uma tentativa frustrante por vários motivos: não houve preparação para esta ação perante a escola - chegamos como que de supetão; não estávamos preparadas para a aplicação do conteúdo teórico assim, tão de repente; era uma escola sobre a qual não conhecíamos nada nem da qual éramos conhecidos; as crianças se intimidaram o que causou em nós desconforto e estranhamento. No entanto, o essencial pudemos ver: eles escreviam do mesmo jeito das crianças do vídeo, ou seja, desenvolviam hipóteses de escrita com as mesmas características descritas no vídeo. Relato isso porque havia no grupo uma descrença muito grande sobre essa nova forma de compreender como a criança aprende, cuja epistemologia é contrária aos pressupostos tradicionais do ensino que davam sustentação ao nosso fazer pedagógico até então.

Como esta tentativa foi frustrante, resolvemos nos debruçar sobre o referencial teórico e estudo dos módulos do Programa em si, posto que exigia um domínio significativo tanto da teoria quanto para manusear os equipamentos (TV e vídeo). Como se trata de um programa, de certa forma fechado nos módulos, tínhamos que dominar os momentos das pausas estratégicas dos vídeos, sistematizar o conteúdo apresentado, incitar os alunos a fazerem anotações como forma de sistematizar os conteúdos trabalhados e observar seus avanços com relação à sua compreensão de como se dá o processo de construção e apropriação da escrita.

A questão da formação de professores nos últimos anos tem animado os debates de profissionais da área, mostrando que se faz necessário e urgente modificações no quadro educacional ora presente. O tempo atual exige profissionais competentes, com formação

sólida, pois nenhuma tentativa de mudança educacional terá êxito se não estiver apoiada neste condicionante fundamental: a formação de professores.

Das experiências vividas entre o “assistir” a profissão na própria família e mais tarde, enquanto aluna no percurso escolar trago lembranças que me fazem pensar a educação ora como produto ora como processo. Lembro aqui as horas de sono subtraídas da madrugada na tentativa de repetir a tabuada, as lições de Estudos Sociais (disciplina que conjugava História e Geografia), de Ciências para me sair bem nas provas. Esse modelo de aprendizagem e de ensino, levei para minha prática pedagógica quando comecei a dar aula em 1989. Eram estas as referências que me norteavam o ser professora. Outras fui construindo ao longo da formação e do investimento pessoal e profissional nas tentativas de ensaio e erros na ação do fazer pedagógico.

Parece-me que o grande desafio hoje nos cursos de formação, centra-se na perspectiva do despertar da ingenuidade, talvez porque o contato com a teoria aclara-nos o modo de agir até então encortinado pelo véu da ignorância, espelhado apenas na experiência prática. Dialogando um pouco com Schön (1992) veremos que a discussão de como formar professores como profissionais reflexivos exige, “um olhar retrospectivo sobre sua ação”. Desse modo, exige-se do professor um permitir-se ser surpreendido pelo que o aluno faz, refletir sobre a atitude dos mesmos compreendendo suas razões de ser, procurar entender o processo de aprendizagem construído por eles, desprender-se da função de “policiamento” dos insucessos dos alunos que nós professores temos assumido no interior da escola.

As mudanças, entretanto não acontecem rapidamente. É preciso um tempo de acomodação e de namoro como o novo. Não nos desprendemos repentinamente das raízes que nos fixam nas teorias que perpassam e norteiam a nossa prática. O novo nos assusta. Porém, quando nos incomoda é sinal de que a sementinha foi plantada e vai brotar, assim como no ciclo da vida há tempo para nascer, crescer, se desenvolver e morrer. Para cada coisa há seu tempo, umas mais demoradas outras mais apressadas, à depender do solo onde se semeia. No caso da formação envolve as motivações pessoais e profissionais interligadas às questões econômicas, sociais, históricas, políticas e culturais.

O PROFA pauta-se na metodologia de resoluções de situações problemas. O material já vem selecionado para todas as atividades numa seqüência modular. Os vídeos são de situações de sala de aula nas quais é possível ver crianças serem alfabetizadas bem como a metodologia usada pelos professores do grupo referência<sup>3</sup>. As atividades são entremeadas com textos e vídeos e aplicação/vivência nas próprias salas de aula dos professores (alunos do curso).

Podemos denominar este momento como sendo um permanente diálogo entre teoria e prática. Desse modo, o que os professores cursistas aprendem num dia deve ser transposto para a sua própria sala de aula e, no encontro seguinte, devem compartilhar com os colegas o que funcionou e o que precisa ser melhorado em sua dinâmica de classe. Incorporando em sua prática o caderno de registro – momento de narrar (escrever) reflexivamente sobre seu fazer em sala de aula; das aprendizagens (sucesso/fracasso) teóricas e metodológicas; as dúvidas conceituais, as conquistas.

Os professores (cursistas) são portadores de uma experiência que nem todos os formadores têm. Entretanto, apesar de todos serem possuidores de uma prática ímpar, alguns não trabalham nas séries iniciais (estão no segundo segmento do Ensino Fundamental - 5ª à 8ª séries); outros estão nas coordenações e outras atividades burocráticas da escola. Para estes, a aplicação metodológica na sala de aula não é possível, causando desse modo um estranhamento às hipóteses de leitura e escrita abordadas no curso.

## **2 – LEMBRAR, NARRAR E ESCREVER**

Os reposicionamentos possíveis diante da vida só se dão a partir do processo de mergulho interior nos fatos e feitos realizados ao longo do percurso. Para construir possibilidades de rememoração, temos que mergulhar no nosso próprio passado na tentativa de compreender o presente e pensarmos o futuro. Essa visão conceitual da História parece ser imprescindível na formação de professores, ou seja, refletir sobre o que somos, porque somos, como somos, como nos fizemos nas relações com outros e como proceder depois de certo esclarecimento das idéias sobre nós mesmos. A idéia não é recordar apenas numa perspectiva romântica e saudosista dos fatos; é preciso, ao contrário, mergulharmos em nossa própria história na tentativa de desvelar os aspectos de entraves na construção e apropriação do conhecimento, condição tão necessária para a superação dos limites e vislumbre das possibilidades do vir a ser. Segundo Foucault (1995), “os homens fazem à história, mas não sabem que a fazem”. Enquanto o obscurantismo perpassa nossa vida, deixamos que nossa história seja contada pelos outros sem nos darmos conta que os fios que constituem o novo também nos pertencem e, mais ainda, é o nosso próprio existir.

A busca da palavra no (in)consciente de nossa existência parece-nos fazer sair do silenciamento, do acanhamento do dizer. É a palavra, diz Foucault (1995), que nos vai levar à história e, através dela, as relações e as verdades se manifestam. Estes são, a meu ver, o propósito deste trabalho, revelar a história silenciada em nossas memórias quanto aos

processos formativos. Nós, professores, não temos o hábito de escrever, apesar de ter sobre o que escrever. Nossa própria formação, de cunho excessivamente praticista, não nos incita a registrar nossas ações cotidianas, nossa prática pedagógica, nossa experiência. Poucos são os que têm um diário para registrar tais situações do exercício da profissão. Vivemos mais a cultura do não dizer e do silenciar.

Numa perspectiva de mudança e de ruptura com este modelo de formação, o PROFA tem o objetivo de despertar nos professores em formação o hábito de dizer, de contar, de socializar, registrar suas experiências e o seu fazer enquanto professor e de refletir sobre suas próprias ações.

Desse modo, *rememorar meus primeiros anos de escola* foi a primeira atividade proposta pelos formadores. A princípio os comentários dos alunos mostram relutância em rememorar. Alguns até dizem não lembrar de nada. Diversas indagações me fiz quando do questionamento da proposta da atividade e, principalmente quando da leitura das mesmas, posto que tinha que dar a eles as devolutivas<sup>4</sup>.

O sentimento de não saber escrever está presente nas falas dos professores-alunos. A priori, deparam-se com o sentimento de não saber, de que há uns que são mais desenvolto e hábeis para exteriorizar seus pensamentos, como se a escrita fosse um dom e não uma prática social cuja habilidade é construída. Há na coletânea de texto do PROFA (módulo I), uma fala de Clarice Lispector que nos encoraja a buscarmos no (in)consciente de nossa existência as marcas e lembranças de nossas primeiras experiências como alunos. Diz a autora: “Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendendo o que posso fazer. Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são”.

No guia de orientações metodológica do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (módulo I, p. 130) temos uma fala incentivadora quanto ao ato de escrever:

A escrita é um ato difícil. Escritores, compositores, jornalista, professores e todos que têm na escrita um instrumento de trabalho dizem que suam a camisa para redigir seus textos. Mas dizem também que a satisfação do texto pronto vale o esforço de produzi-lo. Há muitas falsas idéias sobre a escrita. Há quem pense que só os que gostam de escrever têm o dom das palavras e que para estes as palavras saem mais difícil. Não é verdade. Escrever não depende de dom, mas do empenho, dedicação, compromisso, seriedade, desejo e crença na possibilidade de ter algo a dizer que vale a pena. Escrever é um procedimento e, como tal, depende de exercitação: o talento da escrita nasce com a freqüência com que ela é experimentada. Há quem pense que só os que gostam de escrever, escrevem. Não é verdade. Todos que têm algo a dizer, que têm o que compartilhar, que precisam documentar o que vivem, que querem refletir sobre as coisas da vida e sobre o próprio trabalho, que

ensinam a ler e escrever... precisam escrever. Por isso nós professores precisamos escrever: porque temos o que dizer, porque temos o que compartilhar, porque precisamos documentar o que vivemos e refletir sobre isso, e porque ensinamos a escrever – somos profissionais da escrita! Se a escola não nós ensinou a intimidade e o gosto por escrever, só nos resta agora dar a volta por cima, arregaçar as mangas e assumir os riscos: escrever é preciso!

Incentivados pelas falas apresentadas fomos mobilizados (formadores e formandos) a lembrar, a contar e a escrever sobre nossas experiências. Sozinho é mais difícil lembrar de tudo que vivenciamos quando crianças, entretanto, quando ouvimos os outros falarem, as lembranças, ainda que vagamente, vão surgindo na memória e o fato de narrar aparece como se fosse um resgate do que se perdeu no enevoado da memória do passado, uma nova percepção dos fenômenos acontecidos. Relatar na verdade, é o resultado das vivências, das aquisições e das experiências que construímos ao longo da vida.

Na pressa e individualização da vida moderna o fato de narrar e contar histórias já não acontece mais. As pessoas prendem-se a outros paradigmas esquecendo-se dos outros que também fazem parte de sua vida, muitas vezes esquecem até mesmo de si. Há uma espécie de frieza que distancia as pessoas umas das outras e com elas vão-se as sabedorias populares, a vizinhança do outro que está ali, do lado de lá da parede, transformando os muros numa fortaleza gelada e impenetrável.

A perspectiva de Formação desenvolvida neste Curso Especial de Pedagogia parece-me romper com esse amalgama. Os professores, ainda que relutantes no início, escreveram suas experiências, exemplo disso são os textos que apresento a seguir.

*Quando aprendi a ler.* Este foi um título sugestivo na construção de narrativas pessoais. Antes da escrita, houve discussões e debates sobre as lembranças da infância; a primeira professora; os procedimentos usados pela escola para ensinar a ler e escrever; quando e como aprendemos a ler; quais dificuldades enfrentadas; quais as conquistas e os sentimentos envolvidos. Igualmente aos professores-alunos, nós formadores também em processo de formação, dialogando com as novas teorias e as novas formas do fazer educacional, exercitamos o ato de narrar e escrever.

Os textos que apresento aqui foram escolhidos intencionalmente, posto que estas narrativas apresentam marcas dos lugares e do tempo de cada sujeito. Entretanto, há algo de comum entre elas, principalmente os pressupostos metodológicos do fazer educacional. Não temos a intenção aqui de categorizar as narrativas nem de fazer análises minuciosas sobre a expressão textual. Nosso objetivo é antes, mostrar que temos o que escrever, percebendo as

marcas do passado e, a partir delas pensarmos possibilidades futuras para um ensino crítico e reflexivo.

## **Narrativa I**

*Lembrar de minha infância hoje parece ser uma tentativa de resgatar, nas pegadas do passado, aquilo que desapareceu. A dinâmica do lembrar é importante na medida em que entendemos os fenômenos sociais e as atitudes dos mais velhos para conosco.*

*Vivi um o período de infância onde predominava o ditado popular que reza o seguinte: o serviço de criança é pouco mais quem perde é louco. Desse modo, recordo minha infância não como exploração do trabalho infantil, mas posso dizer que as horas de brincadeiras eram restritas, pois acompanhar e ajudar os pais eram prioridades no ritual familiar. Divertíamos-nos com isso (andar de carroça, à cavalo, os banhos nos rios e igarapés, colher as frutas no quintal, pescar). Meu pai era agricultor e desde pequenos víamos o amanhecer dele com os trabalhadores a aparelhar os bois, tirar leite das vacas, o preparo da moagem, enfim, a sua labuta diária de homem do campo.*

*A época do plantio da cana de açúcar, da mandioca, do milho, do feijão, do arroz, assim também como suas respectivas colheitas, tinham sempre a participação dos filhos, fosse para buscar uma água quando menores, fosse para trabalhar mesmo quando maiores. Minha mãe, mulher prendada da região, cuidava de fazer a peneira da casa de farinha, os paneiros para embalar o açúcar, a vassoura de cipó para varrer o chão. Nessa produção caseira os filhos também eram presenteados: para as meninas uma vassoura pequenina, para os meninos uma cesta que seu porte físico pudesse suportar. Lembro também de uma boneca grande e linda que ganhei: ela chorava, piscava os olhos. Ah, como isso era interessante. Linda! Ainda tinha os vestidos que mamãe fazia pra ela e a redinha que fazia parte do kit. Junto a estas recordações da infância trago também na lembrança os dias de domingo: de manhã, a missa era imperdível; o almoço sempre com os tios e primos; as tardes de brincadeiras no quintal de casa. Lembro muito do vô Chiquinho montado em seu cavalo – sempre trazia um agrado para sua filha (minha mãe) e para os netos.*

*Nas brincadeiras e trabalhos que perpassavam nosso dia a dia tinha também a preocupação com a escola. Minha mãe era professora do MOBRAL à noite. Sua sala de aula era a sala de nossa casa. Seus alunos eram os vizinhos – quase sempre trabalhadores de meu pai. Papai também era aluno dessa classe. Ainda me recordo do molde vazado que era usado para identificar as letras do alfabeto cobrindo as demais.*

*Minha primeira escola ficava ali mesmo na colônia São Domingos onde morávamos ia sempre na companhia de meus primos. Lembro da professora Dona Maria, mulher bonita, que chegava arrumada, sobrancelhas muito bem definidas e seus lindos olhos azuis. Cada aluno já cuidava de ficar sentado em seu lugar, pois ela era severa. Peguei bolo por não saber a letra “a” justamente a primeira letra de meu segundo nome. Lembro que minha mãe nos ensinava em casa a fazermos o nome. Eu e meus irmãos tínhamos caderno e lápis para escrever, mesmo antes de ir à Escola. Talvez por conta da timidez, ou mesmo por desconher a forma diferente de grafar a letra, não respondi à professora, tinha aprendido meu nome com uma letra desenhada (bonita) que mamãe fazia para nós cobrirmos. Aquela da lousa era diferente. Não lembro se aprendi a ler nesta série.*

*O ano seguinte foi mais difícil, pois mudei de Colégio, de amigos e de professora. Esta segunda professora já não me batia, afinal era minha tia e eu morava em sua casa para estudar. Tive dificuldades sim, pois morava na casa alheia e só via meus pais no final de semana. Sentia saudades deles e de meus irmãos. No final desse meu segundo ano de escola meus pais vieram morar na Vila<sup>5</sup>. Lembro como se fosse hoje o dia em que a professora escreveu na lousa a palavra **cocada**. Era final do horário. Eu já sabia que palavra era, mas*

*uma colega se antecipou e falou primeiro. Daí a professora dividiu-a em sílabas e o sino tocou. Não lembro de nenhuma cartilha*

## **Narrativa II**

*Das muitas lembranças que tenho da minha infância, vou me ater às que correspondem ao período da minha pré-escola, até mesmo por estar mais de acordo com a disciplina ministrada.*

*Cresci numa cidade de porte médio, tive uma família bem estruturada e estudei em uma boa escola. Lembro-me bem da minha primeira professora, D. Helena.*

*Dona Helena retrata um bom caráter quase materno assumido pelo professor durante vários períodos pelos quais se constituiu a profissão docente. Era solteirona, uma “moça velha”, como falavam, era extremamente dedicada e atenta a tudo que acontecia. Sempre nos tecia elogios do tipo: “como você está linda”, ou “esse laço de fita ficou bem em você”!*

*Comemorávamos sempre as datas cívicas e outras como o “dia das mães”, “semana da alimentação” e outras, sempre com algumas apresentações teatrais ou com jogral. A “semana do índio” foi uma dessas datas que deixou muita lembrança. Nós nos fantasiávamos de índio e era sempre uma festa muito alegre. Lembro-me de minha primeira comunhão. Minha tia me emprestou um terço o qual havia guardado por longa data. Eu o achava lindo! Tão lindo que no dia certo não consegui deixar de mexer com ele nas mãos. Mexi tanto que o terço arrebentou. Foi uma decepção tanto para mim quanto para minha tia ver aquelas continhas peroladas espalhadas de uma forma praticamente irrecuperável no chão da igreja. Dona Helena tentou recupera-las, em vão.*

*Certa vez minha tia Ana, a mesma do terço, passou muito mal, não sei bem o que foi. Só me lembro que ela ficou quase desfalcada e não falava coisa com coisa. Muito bem... Minha tia tinha um jogo de chá em miniatura o qual era alvo de minha cobiça, mas eu era proibida de pegar as peças por ser de porcelana antiga. Aproveitei-me da situação em que estava minha tia e pedi a ela o jogo pra mim e ela como mal sabia o que dizia me deu.*

*Alguns dias depois de ter recuperado a saúde, minha tia vê seu precioso jogo de chá dentro da minha lancheira (é claro que não perdi a oportunidade de levá-lo para a escola). Quando eu contei como e com consentimento de quem havia pegado, ela entendeu minha esperteza, mas não ficou zangada. Pegou o tal jogo de volta e me explicou por que eu não deveria ter agido assim e me deu um abraço. Diga-se de passagem: essas peças tão cobiçadas por mim ao longo de minha infância ainda hoje se encontram longe do alcance de outras crianças, em uma linda cristaleira, na casa da tia Ana.*

*Nos primeiros dias de aula, recebemos apenas a capa do livro com a primeira página. As seguintes vieram uma após a outra, ao longo do nosso desenvolvimento, e no final do ano, tínhamos em mãos toda a história dos três porquinhos. Isso nos incentivava a progredir nas atividades, mexia com nossa imaginação. A mim, particularmente, me levou ao hábito da leitura desde os seis anos de idade.*

*Muitos anos se passaram, mas até hoje me lembro com detalhes da escola e da professora – D. Helena. Tive uma infância feliz e minha pré-escola foi muito importante para o meu desenvolvimento educacional e pessoal. É muito bom ter prazer de olhar pra trás.*

## **Memória III**

*A infância é o período mais alegre do ser humano. A criança, nesse período, vai aprender a respeitar, a dar e receber amor, lidar com seus medos, ter liberdade para brincar com seus amigos e ingressar na vida escolar.*

*Minha infância ocorreu num ambiente bastante rígido. Uma família tradicional, para a qual muitas coisas eram proibidas – como por exemplo, a amizade com os meninos. Brinquei pouco, quase não tinha amigos. Sempre fui muito tímida, por isso não tinha facilidade de conversar com as pessoas. As crianças, hoje, têm muita liberdade para se expressar. A sociedade permite o desenvolvimento pleno da criança.*

*Minhas lembranças são poucas. Fui criada num ambiente evangélico, minhas brincadeiras eram sempre em casa, não tinha muita liberdade. As brincadeiras preferidas eram: bandeirinha, pular corda, amarelinha, casinha, etc. Hoje, os equipamentos tecnológicos têm substituído essas brincadeiras.*

*Perdi meu pai com dois anos de idade. Penso como seria minha vida se o tivesse ao meu lado. Mesmo sem lembrar de sua fisionomia, sinto falta dele. Meus amigos sempre foram meus primos, pois morávamos perto.*

*Não lembro o nome de minha primeira professora. Estudei o pré-escolar na Escola Osvaldo Lima. Sempre fui calada e não gostava de conversar com ninguém.*

*Minha professora da 1ª série se chamava Enedina. Estudei na escola onde hoje leciono. Lembro sempre dela com carinho. Desde criança, a prioridade na minha família foi com os estudos. Sempre me dediquei a eles. Tirava sempre notas boas e nunca precisava ser chamada à atenção.*

*Sinto falta hoje de não ter conseguido me aproximar das pessoas, de não ter perdido a timidez. Minha infância foi boa, mas eu poderia ter aproveitado mais. Sou de uma família humilde, mas sempre tive amor.*

Com estas narrativas, vemos, portanto, que temos o que dizer. Bastou apenas organizar as idéias e encadeá-las num texto. Desse modo, ao nos constituirmos narradores de nossas histórias pessoais, vemos desabrochar as marcas dos lugares e do tempo que ficaram perdidas no percurso do caminhar. Esse nosso encontro com a história e com os outros professores retrata de certa forma, a necessidade do estabelecimento do diálogo, do contar e de nos constituirmos enquanto sujeitos expressivos e falantes. Segundo Freitas (1998, p. 76)

Fazer dos professores narradores de suas histórias, poderá nos ajudar a compreender não só o que pensam, como agem e se desenvolvem profissionalmente, mas também conhecer melhor o contexto em que vivem, a analisar de um outro ângulo, o ambiente educacional. Ao focalizarmos suas vidas de professores em suas singularidades, estaremos também identificando temas coletivos que atravessam sua trajetória e refletem a estrutura social nas quais suas vidas estão imersas.

A busca de entendermos as camadas de nosso próprio existir retrata, de certa forma, as tendências pedagógicas que perpassaram o nosso processo formativo. Assim, compreendemos as razões de agir de nossos professores e as nossas próprias ações enquanto formadores.

Falar de nós mesmos não é muito fácil. Há uma exposição de si, um compartilhar de idéias e de experiência às vezes de sucesso, às vezes não. As bem sucedidas, quase sempre são contadas, as outras, ficam trancafiadas no labirinto da solidão, ninguém pode saber o que aconteceu nos quatro cantos da sala de aula, a não ser aqueles que presenciaram a cena sem entender o enredo.

Às lembranças da escola, do processo de alfabetização, da infância, se constituem em experiências que levamos para sempre, seja para identificar na sabedoria dos mais velhos, portanto mais experientes, o que de bom temos de extrair, seja para junto com estas experiências rememoradas, nos motivarmos a buscar suportes teóricos e metodológicos que nos ajudem a crescer como profissionais da educação, perseguindo o objetivo primeiro da escola que é a formação das pessoas. Pessoas saibam ler e escrever com competência e que tenha a escola como âncora na construção de sua cidadania e não apenas um *faz de conta que ensina*, gerando homens e mulheres de poucas letras impossibilitados de ter acesso aos bens culturais.

Como formadora no curso de Pedagogia, vivenciei, junto com os professores, algumas angústias, mas também alegrias de estar plantando uma sementinha de mudança no processo educacional de meu Estado. A fala das professoras é reveladora dessa inovação que parece desabrochar. Lembro um dia de aula em que uma das alunas, ao assistir no vídeo uma criança escrevendo disse: *“Eu estou besta! Meus alunos fazem desse jeitinho e eu não sabia o que fazer com eles. Achava até que não iam aprender, pois jamais pensei a alfabetização como processo e que eles passam por estas hipóteses. Parece que estou vendo meus alunos”*. Ouvir a professora falando isso, nos confirma o quanto temos que aprender sobre nós mesmos, sobre os nossos alunos e passarmos e vê-los como sujeitos cognoscentes, como pessoas que são capazes de aprender. Telma Weis no vídeo **A construção da escrita**, ao interrogar-se sobre o que é preciso para se alfabetizar, diz que:

[...] é fundamental que a criança pense, reflita, raciocine, erre para poder acertar, estabeleça relações, faça deduções ainda que nem sempre corretas, que erros como **pensar que se escreve como uma letra para cada sílaba são erros construtivos**, isto é, erros necessários à construção do conhecimento da escrita. Alguns erros para uma pessoa alfabetizada parecem absurdos, mas quando conhecem sobre **o que e como** pensa a criança nos permite analisar a situação do ponto de vista dela, da criança. Vemos que faz deduções lógicas e inteligentes. O que só fica evidente quando se compreende que cada criança, quando se alfabetiza, está, na verdade, reinventando a escrita (Grifos nossos).

As falas das professoras trazem marcas de um processo de ensino que se pretende inovador a partir dessa formação em curso. Vejamos alguns depoimentos de professoras/alunas sobre a contribuição do *PROFA* em sua formação de alfabetizadoras. Vale mencionar, que estas falas foram gravadas em vídeo (VHS) e apresentadas ao grupo de professores quando do encerramento do curso (*PROFA*) numa atividade pública que denominamos *I Encontro do Professores Alfabetizadores do vale do Juruá* realizado em Cruzeiro do Sul, Acre. Vejamos algumas falas significativas do ponto de vista da mudança no fazer pedagógico a parti da formação: “[...] *Levo inovações para minha prática pedagógica; Levo novidades aprendidas, colocando-as em prática e abolirei outras que antes não julgava tão prejudicial; Levo segurança para a prática, pois antes não tinha certeza do que eu fazia; Levo muito do que eu estou aprendendo para a minha prática pedagógica, tentando mudar pra melhor*”.

Na verdade são mudanças que nos permitiram um outro olhar para quem aprende. Quando questionei “*o que vocês levam do que estão aprendendo no curso para a prática pedagógica*”, vários(as) professores(as) declararam que mudaram a forma de verem seus alunos. Parece-me, inicialmente, que a formação, agora em processo, está permitindo aos professores, uma nova visão e uma nova relação com seus alunos. Podemos perceber claramente essa atitude na análise desses depoimentos sobre a contribuição do curso: “*Tem contribuído no sentido de ver o aluno agora de maneira diferente. Aprendi a valorizar meus alunos e tudo o que eles trazem de experiências. Levo novas formas de ver meus alunos como seres ativos que, são capazes de aprender. O curso abre nossa visão de como trabalhar com os nossos alunos. Sinto-me mais segura no momento que estou na sala de aula*”.

Os depoimentos revelam-nos novas possibilidades de desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional. O que partiu de uma exigência legal sem contar com participação dos professores em sua elaboração, aparece agora como **novos conhecimentos** que (ZABALZA 2004, p.41) referem-se a idéia de saber mais e ser mais competente como resultado do processo formativo contínuo. Esses conhecimentos englobam cultura geral, cultura acadêmica e cultura profissional.

Aspectos consideráveis de mudança no processo formativo dos professores, a meu ver, estão relacionados às experiências profissional dos mesmos, associadas às discussões e debates de cunho teórico vivenciados na academia. Foram momentos ricos de troca de experiências, posto que os postulados teóricos apresentados podiam ser experimentados e/ou testados na prática, no cotidiano de sua sala de aula. Isso não é possível, por exemplo, no curso de Pedagogia regular da universidade, no qual as turmas são compostas de alunos bem

mais jovens e sem experiência profissional. Suas referências são de alunos no percurso da vida estudantil. Como professora, nas duas modalidades do Curso de Pedagogia da UFAC, Campus de Cruzeiro do Sul, pude constatar estas singularidades no processo de formação e constituição do profissional da educação. Vivenciamos na verdade, uma busca de ultrapassar os limites da tradição pedagógica, envolvendo-nos num processo de reflexão que inclui a possibilidade de pensar e imaginar outros mundos tantos para nós mesmos quanto para os alunos com os quais trabalhamos.

<sup>1</sup> Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Programa idealizado pela educadora Telma Weisz, criado a pedido do Ministério da Educação. É um curso destinado a professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental — incluídos os alfabetizadores de adultos com o objetivo de articular uma formação teórica à prática de professores como forma de contribuir para sua formação. Segundo dados divulgados pela mídia da área, o PROFA, apresenta-se da seguinte forma no âmbito nacional: Redes municipais atendidas: 1.473; Redes estaduais: 2; Professores cursistas: 8.9007; Coordenadores: 4.434; Alunos beneficiados: 2 milhões. (Revista Educação em foco: edição número 160. Março de 2003).

<sup>2</sup> Diagnóstico. Processo utilizado pelo professor/investigador para identificar em que hipótese o aprendiz se encontra. Para tanto se deve seguir um procedimento metodológico específicos: primeiro ser palavras do mesmo campo semântico começando pelas polissílabas, seguida das trissílabas, dissílabas, monossílabas e por último o aprendiz deve escrever uma frase ditadas pelo professor/investigador. É importante que após a escrita de cada palavra e/ou frase haja a leitura da mesma

<sup>3</sup> Grupo referência. Grupo de professores selecionado para fazer estudos dessa metodologia que Telma Weiz denomina didática da alfabetização

<sup>4</sup> Forma de avaliação sobre a aprendizagem na qual o próprio aprendiz pode monitorar seu percurso de formação e suas aprendizagens. Vale ressaltar a serenidade que o formador deveria ter para não desestimular os professores em formação. O ato de escrever deveria ser compreendido como uma reflexão organizada produzindo para nós mesmos um conhecimento mais aprofundado sobre a prática, o que sabemos e o que não sabemos sobre a teoria.

<sup>5</sup> Bairro urbano da cidade

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Programa de Formação de professores Alfabetizadores: *coletâneas de textos – módulo I*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BRASIL. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores: *guia de orientações metodológicas gerias / organização Rosaura Soligo, Angélica Soligo – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001. 198p*

Educação em Foco: Edição Nº. 160 Março de 2003

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 4ª ed., trad. Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1995.

FREITAS, Maria Tereza de A. (org). *Narrativas de professores: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*. Rio de Janeiro: Ravil, 1998. 160p.

<http://www.mec.gov.br/>

LINHARES, Célia e SILVA, W. Carneiro. *Formação de professores: travessia crítica de um labirinto legal*. Brasília: Plano Editora 2003. 175 p

SCHÖN, Donald. A. *Formar professores como profissionais reflexivos*. In NÓVOA, A. Os professores e suas formação. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1997.

WEIZ, Telma. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 2001.

ZABALZA, Miguel A. *O ensino universitário: seu cenário, seus protagonistas*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.